



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/11752/0>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2011 by Universidade Federal da Paraíba. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

GONGFU/WUSHU NO CINEMA OCIDENTAL: REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ARTES MARCIAIS E ARTES CÊNICAS PELO PRISMA DO TREINAMENTO TÉCNICO DO ATOR

GONGFU/WUSHU IN WESTERN CINEMA: REFLECTIONS ON THE RELATIONS BETWEEN
DRAMA AND MARTIAL ARTS UNDER THE PERSPECTIVE OF THE ACTOR TRAINING

Mariana Baruco Machado Andraus

Doutoranda em Artes pela Universidade Estadual
de Campinas – UNICAMP. Bolsista CAPES.

Inaicyra Falcão dos Santos

Livre-Docente do Instituto de Artes da
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Samuel Mendonça

Docente e coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Educação da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas – PUC.

Resumo: Este artigo traz uma análise da influência do gongfu no cinema ocidental, especialmente nas figuras de Bruce Lee e Jackie Chan, estendendo-a a filmes que adentram esta temática sem necessariamente configurar “filmes de gongfu”, a exemplo da trilogia Matrix, dos irmãos Wachowski. Em acréscimo, desenvolve-se uma reflexão a partir do prisma da técnica do ator, por considerar que exista uma relação intrínseca entre o conceito “ganhar gongfu”, presente na cultura chinesa, e as tendências contemporâneas de treinamento na área performática.

Palavras-chave: gongfu; cinema; performance.

Abstract: This paper provides an analysis of gongfu influence in Western cinema, particularly in the figures of Bruce Lee and Jackie Chan, extending it to movies that come into this theme without necessarily being “gongfu movies”, such as the Matrix trilogy, by Wachowskis brothers. It also develops a reflection from the perspective of actor’s technique considering that there is a relationship between the concept of “acquiring gongfu”, present in Chinese culture, and the contemporary tendencies of training in the performance field.

Keywords: gongfu; cinema; performance.

Introdução

Este artigo traz uma análise da influência do *gongfu*¹ no cinema ocidental, especialmente nas figuras

de Bruce Lee e Jackie Chan, estendendo-a a filmes que adentram esta temática sem necessariamente configurar “filmes de gongfu”,

que conhecemos no ocidente como *kungfu*, ou seja, todo o conjunto das artes marciais chinesas, embora o termo que literalmente significa arte marcial seja *wushu*.

1 *Gongfu* é a romanização oficial (*pin yin*) daquilo

a exemplo da trilogia Matrix (2003a; 2003b; 1999), dos irmãos Wachowski. Em acréscimo, desenvolve-se uma reflexão a partir do prisma do treinamento técnico do ator, por considerar que exista uma relação intrínseca entre o conceito “ganhar *gongfu*”, presente na cultura chinesa, e as tendências contemporâneas de treinamento na área performática.

Inicialmente, delineia-se um traçado histórico da presença do *gongfu* no cinema ocidental. Não se discute o mérito de Bruce Lee como primeiro ator de origem chinesa a fazer grande sucesso no cinema estadunidense. Jackie Chan, um pouco mais jovem que Lee, tem uma trajetória artística diferente da de Lee, mas igualmente memorável. Outros atores de origem chinesa são citados no artigo, a exemplo de Jet Li, Chow Yun Fat e Zhang Ziyi, sem entrar em um detalhamento de suas biografias, porém assinalando o reconhecimento de suas virtudes, tanto enquanto atores como enquanto artistas marciais.

1- O legado de Bruce Lee

Bruce Lee nasceu em 1940, nos Estados Unidos, em São Francisco-CA, durante uma passagem da Ópera Chinesa, posto que seus pais eram integrantes da companhia. Depois acompanhou os pais em retorno a Hong Kong, onde passou sua infância e adolescência.

Seguindo o percurso de seus pais, iniciou sua atuação em filmes em idade muito tenra. Seu nome de família é Lee Jun Fan; o nome Bruce foi sugerido por uma enfermeira

do hospital onde nasceu e posteriormente adotado pelo ator como nome artístico (IMDb, 2011).

Bruce Lee iniciou seu treinamento em artes marciais com o próprio pai, treinando *Taijiquan*, e, na adolescência, passou a praticar *Wing Chun* com o famoso mestre Yip Man. Tradicionalmente, os alunos novos treinavam com seus colegas de treinamento mais experientes, porém alguns destes colegas se recusaram a ensinar-lhe por ser ele mestiço (seu avô materno era alemão). Lee desenvolveu-se muito rapidamente no estilo *Wing Chun*. Na escola, tinha um baixo rendimento escolar e tendência a se envolver em confusões. Aos 18 anos, seus pais resolveram mandá-lo para os Estados Unidos. Inicialmente ele viveu em São Francisco, mas, rapidamente, passou a residir em Seattle. Trabalhou como garçom e lavador de pratos. Concluiu o Ensino Médio e estudou Filosofia na Universidade de Washington, bem como Psicologia e Teatro. Casou-se e teve dois filhos (IMDb, 2011).

Lee começou a ensinar *gongfu* nos Estados Unidos em 1959. Ensinava um estilo próprio, inspirado no *Wing Chun*, ao qual denominava *Jun Fan Kung Fu* (literalmente, *Kung Fu de Jun Fan*, ou seja, um estilo próprio). Sua escola tinha o nome *Lee Jun Fan Gung Fu Institute*, sediada em Seattle-WA; depois se mudou para Oakland (em 1964), onde também fundou uma escola e foi descoberto por um produtor de Hollywood em um torneio de karatê. Lee considerava os métodos tradicionais de treinamento excessivamente

Gongfu/wushu no cinema ocidental: reflexão sobre as relações entre artes marciais e artes cênicas pelo prisma do treinamento técnico do ator

rígidos e, com o tempo, aprimorou sua arte, incluindo treinos de corrida para resistência e alongamentos para a flexibilidade. Estava em busca de um “estilo sem estilo”, negando a formalização das técnicas e se baseando em um apanhado de estilos tradicionais diversos. Abandonou o *Jun Fan Gung Fu*, por considerá-lo ainda muito restritivo, e desenvolveu o *Jeet Kune Do*, que pode ser traduzido por “Caminho do Punho Interceptor”. É possível especular que esta característica inquieta tenha relação com sua formação em Filosofia, dado que esta área do conhecimento lida com a busca da verdade e não com a sua posse. Na medida em que Lee buscava novos caminhos para o desenvolvimento das artes marciais, ao mesmo tempo questionava estes caminhos como obsoletos, da mesma forma que os filósofos não se conformam com construções determinantes.

No período de 1959 a 1964, Lee abandonou a ideia de se dedicar a uma carreira no cinema (nesse momento já contabilizavam vinte filmes em seu currículo) e dedicou-se exclusivamente às artes marciais. No entanto, foi convidado para uma audição e ganhou o papel de Kato na série de TV *Besouro Verde*. Apareceu também em outras séries de televisão. O primeiro filme americano em que Lee apareceu foi *Marlowe*, dirigido por Bogart (1969), no qual interpretava um capanga contratado para intimidar um detetive particular (IMDb, 2011).

Lee retornou para Hong Kong e só então soube que o *Besouro Verde* havia feito muito sucesso por lá. Firmou contrato, então, com

uma produtora local e teve seu primeiro papel principal em *Fists os Fury*, veiculado no Brasil sob o título “O Dragão Chinês”, dirigido por Wei Lo (1971), que o levou ao estrelato. Em *The Way of the Dragon*, veiculado no Brasil sob o título “O Voo do Dragão”, dirigido por ele próprio (1972), atuou também como, escritor, intérprete e coreógrafo das cenas de luta. Foi, no entanto, o filme *Enter the Dragon*, traduzido por “Operação Dragão”, dirigido por Robert Clouse (1973), que o lançou para o estrelato na Europa e nos Estados Unidos. Lee morreu misteriosamente, aos 32 anos, alguns meses após a conclusão deste filme, às vésperas do lançamento.

Desde então, o *gongfu* se tornou muito popular e passou a ser explorado em músicas e séries de TV. Ocidentais começaram a procurar escolas que ensinassem *gongfu* e, por outro lado, mestres desta arte começaram a aceitar alunos não chineses.

2- Jackie Chan e sua carreira de performer

Jackie Chan, por sua vez, seguiu uma linha de trabalho bastante distinta da de Lee. Jackie Chan nasceu em 1954, em Hong Kong. Seu nome de nascimento é Chan Kong-Sang. Seus pais não gozavam de boa situação financeira e trabalhavam para um embaixador francês em Hong Kong. Em 1960, quando Chan tinha sete anos, seu pai foi chamado para trabalhar na embaixada chinesa na Austrália. Nesse momento ele ingressou para a Escola da Ópera de Beijing, onde aprendeu representação, dança, canto, artes marciais

e acrobacias. Foi aluno da escola até seus 17 anos e, em especial, aprendeu com o renomado mestre Yu Jim-Yuen. O sistema de ensino adotado na escola era muito severo. Depois de alguns anos, a mãe de Chan foi viver com seu marido na Austrália e o menino ficou sob a tutela no mestre Yu Jim-Yuen. Sua primeira *performance* pública foi como integrante do grupo Sete Pequenas Fortunas, formado pelos melhores alunos da Escola da Ópera de Beijing (IMDb, 2011).

Aos 17 anos, Chan começou a atuar em filmes, primeiramente em pequenos papéis. Seu primeiro papel principal foi no filme *Master with Cracked Fingers*, dirigido por Mu Zhu (1971). Chan fez muito sucesso na China antes de começar a atuar em filmes no ocidente.

No ocidente, apareceu nos já citados *Fists of Fury* (1971) e *Enter the Dragon* (1973), contracenando com Bruce Lee, e declinou do convite seguinte para atuar em mais um filme de Bruce Lee por já estar preocupado em não viver à sombra do astro. Adotou o nome artístico Jackie Chan no período em que permaneceu na Austrália, em visita a seus pais. Sua veia cômica aflorou após o filme *Snake in Eagle's Shadow*, dirigido por Woo-ping Yuen (1978), um filme com tom humorístico. Na sequência, atuou em *Drunken Master*, dirigido por Woo-ping Yuen (1978), seguindo a mesma linha e, cada vez mais, aprimorando sua *performance* como ator e comediante. A partir da década de 1980, Chan só atuou em papéis principais, e hoje conta com mais de cem filmes em sua carreira (IMDb, 2011).

Sua característica principal é, sem dúvida, dispensar o uso de dublês, o que já significou fraturas em diversos ossos de seu corpo, desde dedos até o crânio. Outra peculiaridade de Chan é fazer uso de objetos do cotidiano, como cadeiras, mesas, ou cordas, nas lutas de seus filmes. Chan possui tanta habilidade quanto Lee como coreógrafo de lutas, esbanjando criatividade nesta tarefa. Enquanto Lee incorporava o herói tipicamente correto, Chan usualmente interpreta homens comuns que acabam se tornando heróis por acaso. Sua filmografia inclui os famosos (e recentes) filmes *Kung Fu Panda II*, dirigido por Jennifer Yuh (2001), *The Karate Kid*, dirigido por Harald Zwart (2010), *Kung Fu Panda*, dirigido por Mark Osborne e John Stevenson (2008), *Hora do Rush III, II e I*, dirigidos por Brett Ratner (2007; 2001; 1998), entre muitos outros.

Os dois artistas marciais exerceram influência no universo dos jogos de videogames, a exemplo dos personagens Lei Wulong e Forest Law, da série *Tekken*, inspirados em Jackie Chan e Bruce Lee, respectivamente, os quais são conhecidos por toda uma geração.

Os nomes de Bruce Lee e Jackie Chan vêm primeiramente à mente, no ocidente, quando se pensa na temática *gongfu* no cinema, decerto por serem chineses e os mais antigos e conhecidos no universo cinematográfico. Outros dois atores chineses de bastante destaque no cinema ocidental atual são Jet Li e Chow Yun Fat, além das

Gongfu/wushu no cinema ocidental: reflexão sobre as relações entre artes marciais e artes cênicas pelo prisma do treinamento técnico do ator

atrizes Zhang Ziyi e Michelle Yeoh, esta última nascida na Malásia.

3- *The Matrix* e sua relação com o filme *Crouching Tiger, Hidden Dragon* e as artes marciais

Existem filmes muito atuais que utilizam o *gongfu* como elemento temático e técnico, embora não sejam considerados exatamente “filmes de *gongfu*”. O principal a considerar é a trilogia Matrix, especialmente o primeiro (*The Matrix*, 1999).

Os atores Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Hugo Weaving e Carrie-Anne Moss dedicaram-se durante quatro meses a um treinamento intensivo em artes marciais para interpretar os personagens Neo, Morpheus, Agente Smith e Trinity, respectivamente. Em resumo, no enredo do filme existe um mundo real, dominado por máquinas e no qual os seres humanos servem apenas como combustível, e um mundo simulado, que mantém as aparências da nossa realidade e onde as mentes humanas ficam imersas, inconscientes de sua verdadeira situação de subjugação às máquinas. Em algum momento, Neo é resgatado da matrix (ou seja, do mundo simulado), por Morpheus. Este é comandante da nave Nabucodonosor e chefia uma equipe especializada em entrar na matrix para resgatar, ou, como eles dizem, “acordar” humanos.

Neo leva um tempo para se adaptar à vida fora da matrix, afinal, ele nunca tinha utilizado seu corpo. Ao mesmo tempo em que

aprende a utilizar seu corpo real, é submetido a uma série de treinamentos que consistem em carregar conhecimentos diretamente em seu cérebro. Os humanos resgatados da simulação possuem *plugs* em seus corpos, os quais foram enxertados pelas máquinas (por meio destes *plugs* eram conectados à matrix), e que os humanos utilizam para operacionalizar este esquema de carregar o conhecimento diretamente no cérebro. Um dos programas que é carregado no cérebro de Neo é justamente um conhecimento de *gongfu*.

Com o conhecimento de *gongfu* que ele adquire mediante este “carregamento”, e após ser colocado na matrix por seus colegas para testar este conhecimento na prática, Neo vai se tornando, aos poucos, capaz de realizar proezas inimagináveis quando na matrix. Paralelamente, o personagem Morpheus evoca uma profecia em torno da figura de um salvador: um humano que seria capaz de fazer coisas inimagináveis dentro da matrix.

Todos os personagens, na verdade, possuem habilidades dentro da matrix que podem ser consideradas extraordinárias. Eles saltam sobre prédios, lutam com habilidade acima do normal, trafegam pelas ruas e avenidas dirigindo em alta velocidade. Existe um certo limite, no entanto, para todos eles. Mesmo conscientes de que estão dentro da matrix, podem sentir em seus corpos (no mundo “real”) quando se machucam no mundo virtual. Inversamente, a morte na matrix (= morte da mente) pode significar a morte no mundo real.

A profecia assegura que Neo (anagrama de *One*, O Escolhido) conseguirá salvar a humanidade. E, de fato, a trama do filme revela ser Neo capaz de manipular as leis da física, quando dentro da *matrix*, com mais habilidade que os demais. Neo aprimora cada vez mais suas habilidades: em *The Matrix Reloaded* (2003) é capaz de voar, à semelhança do famoso herói ocidental *Super-Man*. Neo afunda-se no chão de asfalto e alça-se para cima como um foguete, luta contra centenas de réplicas do Agente Smith, entre outras peripécias. Suas habilidades no *gongfu* são também inigualáveis, tamanha destreza e velocidade nos movimentos.

Quando Neo anuncia, em *The Matrix* (1999), “I know kungfu”, parece que ele adquiriu este conhecimento de forma imediata, o que contraria a ideia de “ganhar *gongfu*” presente no pensamento chinês:

O termo *gongfu* pode ser traduzido, grosso modo, como “habilidade adquirida mediante treinamento”, ficando implícita a ideia de que requer muitos anos de prática. Este é o conceito principal que o termo designa, motivo pelo qual pode ser aplicado a outras habilidades, não apenas a marcial. Deste modo, é possível dizer que, ao praticar caligrafia, ganha-se *gongfu*, assim como ao praticar louva-a-deus ou *Taijiquan*. No entanto, este termo vem sendo utilizado, especialmente no ocidente, como sinônimo de arte marcial. (ANDRAUS, 2010, p. 48)

No entanto, embora ele de fato “corte caminho” no percurso do conhecimento (pois não parte do zero), ele se aprimora após cada experiência que ele tem dentro da

matrix depois de ter o *gongfu* carregado em seu cérebro. É possível fazer uma analogia com o que ocorre dentro do próprio sistema de ensino do *gongfu*, pois, em uma escola tradicional que dispõe de um sistema de ensino, o estudante primeiro aprende as “formas” (sequências coreografadas de movimentos), e apenas muitos anos depois aprende as aplicações em luta dos movimentos que aprendeu. A expressão “ganhar *gongfu*” refere-se a este amadurecimento advindo da experiência, que também ocorre com o personagem Neo.

Igualmente, como se pode observar na biografia de Bruce Lee e de Jackie Chan, o que os tornou virtuosos foram os longos anos de treinamento em artes marciais e artes diversas, praticadas com muita disciplina. Antigamente, na China, o aluno imergia no universo da escola; muitas vezes ia morar com seu professor, como ocorreu com Jackie Chan, que chegou a ser adotado por mestre Yu Jim-Yuen. Young (1997) discorre sobre a diferença do sentido de “família” nas gerações mais antigas e mais atuais no ensino/aprendizagem do *gongfu*:

Tradicionalmente, os discípulos viviam com seus *Sifus* [mestres]. As escolas muitas vezes eram grandes construções com salas de treino e dormitórios. Para muitos alunos, treinar era tudo o que faziam. Eles passariam anos com seu *Sifu*, aprendendo tudo que ele teria para ensinar. Alguns alunos ficariam até mesmo depois de completar seus estudos para ajudar o *Sifu* a ensinar e a dirigir a escola. Hoje em dia, este modo de ensinar e aprender é muito mais di-

fácil, porque muitos alunos aprendem *gongfu* para recreação ou como um *hobby*. É difícil estudar em tempo integral por razões financeiras. No passado, as relações que se desenvolviam entre *Sifu* e alunos e também as relações entre colegas de treino eram muito diferentes. O vínculo que se estabelece através da convivência diária e do hábito de fazer juntos as refeições é muito mais forte do que aquele visto nas escolas modernas. Realmente era muito mais como uma família e, portanto, termos como *Sifu*, *Sihing* (irmão de treino mais velho) e *Sije* (irmã de treino mais velha) eram altamente aplicáveis. Ainda que as escolas modernas não apresentem vínculos assim, tão estreitos, os termos são usados até hoje porque nós tentamos incentivar estas relações. (YOUNG, 1997, p. 88)

Em *The Matrix*, a figura de Morpheus remete à ideia de um mestre para Neo. Embora o conhecimento de *gongfu* seja inserido no cérebro de Neo, ele não obteria domínio sobre este conhecimento sem a paciente orientação de Morpheus, corroborando a noção oriental de que o conhecimento só pode ser adquirido diretamente com um mestre e não por meio de livros. Morpheus provoca Neo, dizendo frases típicas de um mestre: “Pare de tentar me acertar e me acerte” ou “Eu só posso lhe mostrar a porta, você é quem tem que atravessá-la”. Ademais, Morpheus reconhece em Neo o potencial para superá-lo, uma atitude também típica de um mestre.

O *gongfu*, enquanto temática, é predominante em *The Matrix* (1999) e é retomado no início de *The Matrix Reloaded* (2003), na instigante figura de Seraph. Ele é o guarda-costas da personagem Oráculo e é interpretado por Collin Chou, ator taiwanês. Após lutar com Neo, Seraph afirma que

precisava se certificar de que se tratava realmente do Escolhido, e que “só se conhece uma pessoa depois de lutar com ela”, um clichê nas artes marciais. Enquanto elemento técnico, no entanto, o *gongfu* se mantém presente nos três filmes, e faz parte da idiosincrasia de quase todos os personagens. Embora Neo seja o mais habilidoso, os demais personagens também dominam técnicas de *gongfu*.

Outro filme chinês que suscita uma reflexão interessante acerca da técnica é o filme *Crouching Tiger, Hidden Dragon*, veiculado no Brasil sob o título “O Tigre e o Dragão”, dirigido por Ang Lee (2000). Neste filme, que é baseado em uma novela chinesa de artes marciais, os personagens Li Mu Bai, Shun Lien e Jen caminham pelas paredes, sobre os telhados e sobre bambus, de um modo que parece sobrenatural. Tais peripécias desagradaram espectadores ocidentais em virtude de sua “irrealidade”. Um ponto a considerar, no entanto, é que tais personagens são verdadeiros heróis nos livros chineses. O elemento que permite que o herói *Super-Man* voe é o fato de ser extraterrestre e, por esta razão, ter uma força sobrenatural que o torna capaz de macular as leis da física de nosso planeta; já os heróis chineses são mais próximos das pessoas comuns, vestem-se de da mesma forma que elas. Estes heróis, no entanto, geralmente passaram anos alienados da sociedade em treinamento em algum mosteiro, o que lhes fornece certo caráter mítico. O personagem Li Mu Bai, por exemplo, fez seu treinamento em *Wudan*, uma escola para alunos rigorosamente selecionados.

Mito e realidade se misturam na cultura chinesa: eles não separam filosofia, arte, espiritualidade e vida cotidiana da mesma que forma que nós, ocidentais, fazemos.

Em termos técnicos, os “voos” (colocamos propositalmente entre aspas) de Li Mu Bai no filme *O Tigre e o Dragão* (2000) expressam um desejo, uma espécie de meta intangível que todo aquele que se submete a um treinamento técnico rigoroso pleiteia. O sujeito sabe ser improvável chegar àquele nível técnico, mas nem por isso deixa de treinar como se quisesse atingi-lo. Trata-se do artista em busca da autossuperação² por meio de sua arte.

A precisão dos movimentos necessária à arte da luta é, sem dúvida, um elemento potencializador do trabalho do ator e do

bailarino. Em outras palavras, acreditamos que o que fez de Bruce Lee ou de Jackie Chan bons atores é possivelmente o fato de terem se dedicado arduamente ao treino em artes marciais. Chan costuma dizer que precisou de um tempo para se adaptar ao trabalho diante das câmeras; no entanto, consideramos que o ingrediente principal para que ele se tornasse um grande ator já estava presente em sua história de vida: adaptar-se às câmeras, ou seja, à ideia de ser observado, é apenas um mero detalhe. Não é possível comparar o caso destes dois artistas marciais com o elenco da trilogia *Matrix*, pois estes últimos treinaram por um tempo ínfimo; mas, ainda assim, pode-se considerar que a atuação de todos eles é de primeira linha nestes filmes, o que pode indicar que o treinamento em arte marcial os manteve concentrados e em sintonia com o sentido maior de interpretação de suas personagens.

A luta não é, em si, uma arte cênica, a despeito de frequentemente existirem hoje em dia apresentações ao público de *gongfu*, inclusive na própria China. O que permite equipará-la à arte cênica é, além da semelhança na formalização dos movimentos (lembrando que as formas do *gongfu* são sequências coreográficas), a momentaneidade inerente ao seu caráter de improvisação. A arte cênica, afinal, é a arte do momento, aquela que acontece em um determinado tempo e espaço e logo se desvanece, fugaz como a própria vida.

Aprender a lutar envolve uma técnica, envolve “ganhar *gongfu*”; trata-se, portanto, de uma arte, pois requer dedicação, disciplina

2 Utilizamos o termo autossuperação na acepção proposta por Mendonça (2009) que, por sua vez, analisa o termo na obra de Nietzsche: “O homem permanece restrito ao condicionamento social e vive no estado de dormência, nivelado com iguais, massificado. Na média, o homem comum vive dormindo e possuído por ilusões na sociedade de consumo – ilusões do ter, do possuir, fugindo igualmente das ilusões do perder, do deixar de ter. A alteração de seu estado de ser indica a necessidade de tornar-se outro homem, sujeito a criticar-se continuamente, a alterar-se, a construir novos valores. A autossuperação supõe a árdua tarefa de autocrítica. Então, temos aqui um procedimento da vida aristocrática que ultrapassa a dimensão da compreensão conceitual, revelando sua natureza na vivência, de modo que não basta compreender a autossuperação e a autocrítica, mas, antes, agir para que existam autossuperação e autocrítica constantes.” (MENDONÇA, 2009, p. 93).

Gongfu/wushu no cinema ocidental: reflexão sobre as relações entre artes marciais e artes cênicas pelo prisma do treinamento técnico do ator

e desejo de aprimorar-se. Envolve uma autoconsciência que resulte em movimento direcionado e guiado por uma intenção. O fato de haver intencionalidade leva automaticamente a um movimento expressivo, e esta pode ser a chave para relacionar o *gongfu* às artes cênicas. Entende-se por arte cênica, aqui, toda arte realizada diante de um público - a dança e o teatro seriam os exemplos mais clássicos - pautada em um conflito direcionado para a criação de uma tensão cênica. O que torna uma ação cênica, senão a intencionalidade por trás do gesto? O que é este algo que impulsiona o ator para o gesto expressivo e o artista marcial para um golpe eficaz? Este “algo” é uma força motriz ligada àquilo que motiva o sujeito que dança, luta ou atua. Pode ser chamado de “espírito”, em uma acepção parcimoniosa, que não pretende complicar a arte, mas simplificá-la. Um espírito que move o corpo sem precisar ser uma entidade separada deste.

Considerações finais

Há muito ainda a especular sobre as relações entre as artes da cena e as artes da luta, e acreditamos ser o treinamento (ou seja, a questão da técnica) uma chave para equipará-las. Ambos, artista marcial e artista cênico, conseguem aprimorar sua destreza enquanto artistas quando mergulham no treinamento com dedicação e afinco. Quando o teatro ou a arte marcial passa a fazer parte da vida do sujeito é que sua arte se revela impecável. Concluimos ser fundamental o

aprofundamento de estudos que tratem da questão da técnica, e que um possível caminho é artista-pesquisador estender seu olhar para a trajetória de vida de grandes atores que também se destacam em outras artes, como a arte marcial. Bruce Lee e Jackie Chan são dois exemplos de artistas virtuosos que podem ter chegado ao nível técnico que atingiram como atores graças ao extensivo treinamento em artes marciais.

Este artigo não teve como propósito desenvolver os conceitos que envolvem a luta, no campo da arte marcial, da mesma forma que não pretendeu aprofundar elementos teóricos das artes cênicas. É preciso reconhecer a importância das artes marciais, em específico do *gongfu*, para o desenvolvimento das artes cênicas, mas isto não significa dizer que o contrário não possa ser verdadeiro, especialmente se tomarmos a trajetória de Jackie Chan. Em outros termos, o que percebemos ao longo destas reflexões é que a disciplina suscitada nas duas dimensões do conhecimento, isto é, o *gongfu* e as artes cênicas, refere-se ao eixo aglutinador segundo o qual se possa “ganhar *gongfu*” nas atividades artísticas; afinal, o *gongfu* é arte na medida em que lida com o belo.

Por derradeiro, a análise de *The Matrix* revela que, mesmo não havendo a construção do *gongfu* no sentido do tempo cronológico que o justifica, ainda assim a experiência do *gongfu* – especialmente no que diz respeito ao treinamento em luta, para os atores – revelou o fazer artístico como aquele que leva o sujeito à sua autossuperação constante.

O desenvolvimento da técnica do ator, da mesma forma que o da arte marcial, embora sob prismas distintos – o primeiro com foco na dimensão da luta e o segundo elaborando seu treinamento a fim de se apresentar a um público – constituem-se de perspectivas comuns, no que se refere ao “ganhar *gongfu*”. Então, podemos concluir que há elementos comuns nas duas tradições e estruturas de treinamento que almejam ao mesmo fim: o belo, que se dá a partir de muita disciplina e busca de si mesmo.

Artigo recebido em 30 de março de 2011.

Aprovado em 06 de abril de 2011.

Referências Bibliográficas

ANDRAUS, Mariana B. M. Kungfu/Wushu: Luta e Arte. São Paulo: Annablume, 2010.

BISHOP, James. Bruce Lee: Dynamic Becoming. Dallas: Prometheus Press, 2004.

IMDb. The internet movie database. Disponível em <http://www.imdb.com/>, acesso em 29/03/2011.

LEE, Linda. The Bruce Lee Story. United States: Ohara Publications, 1989.

LITTLE, John. Bruce Lee: Artist of Life. North Clarendon-VT: Tuttle Publishing, 2001.

LITTLE, John. Bruce Lee: The Art of Expressing the Human Body. North Clarendon-VT: Tuttle Publishing, 1998.

MENDONÇA, Samuel. Educação Aristocrática em Nietzsche: perspectivismo e auto-superação

do sujeito. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2009.

THOMAS, Bruce. Bruce Lee: Fighting Spirit: a Biography. Berkeley, California: Frog Ltd., 1994.

VAUGHN, Jack. The Legendary Bruce Lee. Valencia-CA: Ohara Publishing, 1986.

YOUNG, Vance. Sifu. In Praying Mantis Martial Arts Institute 15th Anniversary Commemorative Issue. New York, s/e., 1997, pp. 88-89.

Filmes

BOGART, Paul. Marlowe. Cherokee Productions, Katzka-Berne Productions, Metro-Goldwyn-Mayers, 1969.

CHAN, Benny. New Police Story [DVD]. Hong Kong: JCE Movies Limited, 2004.

CLOUSE, Robert. Enter the Dragon. Concord Productions Inc., Sequoia Productions, Warner Bros Pictures, 1973.

LEE, Ang. Crouching Tiger, Hidden Dragon. Asia Union Film & Entertainment Ltda., China-Film Co-Production Corporation, Columbia Pictures Film Production Asia, 2000.

LEE, Bruce. The Way of the Dragon. Concord Productions Inc., Golden Harvest Company, 1972.

MU, ZHU. Master with Cracked Fingers. Production Co.: Soon Lee Films, 1971.

OSBORNE, Mark; STEVENSON, John. Kung Fu Panda. DreamWorks Animations, Pacific Data Images (PDI), 2008.

RATNER, Brett. Hora do Rush. New Line Cinema,

Roger Birnbaum Productions, 1998.

RATNER, Brett. Hora do Rush II. New Line Cinema, Roger Birnbaum Productions, Salon Films, 2001.

RATNER, Brett. Hora do Rush III. New Line Cinema, Roger Birnbaum Productions, Arthur Sarkissian Production, 2007.

WACHOWSKI BROTHERS. The Matrix. Warner Bros. Pictures, 1999.

_____. The Matrix Reloaded. Warner Bros. Pictures, 2003a.

_____. The Matrix Revolutions. Warner Bros. Pictures, 2003b.

WEI, LO. Fists of Fury. Golden Harvest Company, 1971.

WOO-PING, YUEN. Snake in Eagle's Shadow. Seasonal Film Corporation, 1978.

WOO-PING, YUEN. Drunken master. Seasonal Film Corporation, 1978.

YUH, Jennifer. Kung Fu Panda II. DreamWorks Animation, 2011.

ZWART, Harald. The Karate Kid. Columbia Pictures, China Film Group, Jerry Weintraub Productions, 2010.

